

Qual é a especificidade da fé cristã?

irmão John

O que define a especificidade da fé cristã? O baptismo, o credo que por vezes recitamos, ou este ou aquele valor moral? São algumas práticas, como por exemplo ir à igreja ao domingo, que nos tornam cristãos? São determinadas ideias acerca do mundo ou da existência humana? Esta questão é obviamente da maior importância tanto para aqueles que querem professar esta fé como para os que pensam rejeitá-la. Porque pode acontecer que a rejeitemos pelas razões erradas. Para aqueles que a aceitam, seria uma pena se descobrissem que, ao negligenciarem o essencial, se centram em elementos que são apenas secundários. Desta forma, não ajudam os outros a descobrir o que caracteriza o Cristianismo.

Nas páginas que se seguem, tentaremos dar resposta a esta questão crucial em etapas sucessivas.

Uma religião?

Se esta questão fosse colocada aleatoriamente a várias pessoas, a resposta seria certamente a seguinte: o Cristianismo é uma *religião*, mais ainda, uma das grandes religiões do mundo.

Esta resposta, por mais óbvia que seja para muitas pessoas, reflecte essencialmente uma visão moderna e ocidental. A propósito do termo «religião» o *Dicionário da língua portuguesa contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa* define-o como «crença na existência de um poder superior, do qual o homem depende»¹. A palavra já existia no mundo latino, mas significava a disponibilidade, o respeito pelo sagrado, a veneração dos deuses. Na era cristã, referia-se inicialmente à vida das ordens monásticas². Foi apenas nos tempos modernos, em parte graças ao progresso das ciências sociais no Ocidente, que se desenvolve a noção do mundo dividido em várias «religiões» – o Cristianismo, o Hinduísmo, o Budismo, o Judaísmo, o Animismo, e assim por diante – cada uma dando respostas diferentes e paralelas às mesmas questões e necessidades humanas. E se no início as várias religiões foram consideradas como sendo inseparáveis das civilizações que lhes deram origem, hoje temos a tendência de as separar cada vez mais das suas terras de origem e a fazer delas apenas um objecto de escolha pessoal. Já ninguém critica quando alguém proveniente duma família judaica da Flórida se declara budista sem nunca ter estado num país do Extremo Oriente.

Evidentemente, há algo nesta noção de «religiões» que corresponde à situação empírica do mundo contemporâneo. No que diz respeito à questão que nos ocupa, há no entanto o risco de nos desorientar. Primeiro, porque apresenta uma concepção que é estranha à realidade da fé cristã. Nem Jesus nem os seus discípulos faziam a mínima ideia que estavam a criar uma «nova religião». Em primeiro lugar, independentemente do que dissermos sobre a sua verdadeira identidade, Jesus foi um pregador itinerante judeu, plenamente integrado na vida do seu povo. É a partir daqui que temos de começar para compreender o movimento histórico que encontrou nele a sua origem. De facto, ao colocar no mesmo saco, por assim dizer, realidades históricas complexas como o Cristianismo, o Budismo e o Islão, corremos o risco de interpretar mal a especificidade de cada uma destas realidades e, ainda mais, a dos seus fundadores. Jesus, Buda e Maomé não tinham a mesma compreensão de si mesmos nem tinham as mesmas pretensões. Se não

¹ *Dicionário da língua portuguesa contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. 2001. Lisboa, Portugal: Verbo: 3175.

² A origem etimológica da palavra *religio* permanece controversa. Os estudiosos hesitam entre *relegere* «reler, recolher, considerar cuidadosamente» e *religare* «unir, ligar, conectar».

tivermos cuidado, a comparação das religiões pode levar-nos a estabelecer paralelos entre realidades essencialmente heterogéneas.

Assim, não encontraremos o que é específico da fé cristã no facto de ser uma religião. Mesmo por razões mais concretas, ligadas ao conteúdo desta fé, os teólogos mostraram-se, por vezes, muito reticentes a qualificá-la de religião. O pastor luterano alemão Dietrich Bonhoeffer, morto pelos nazis em 1945 por causa das suas actividades de resistência a Hitler, é emblemático neste sentido. A reticência de Bonhoeffer fundamentava-se em dois pontos. Primeiro, o facto de a religião, por definição, dizer respeito apenas a uma parte da existência humana, enquanto que para Bonhoeffer, Jesus Cristo tinha necessariamente que estar em relação com toda a vida. Todas as tentativas de confinar Jesus a uma esfera restrita, de o limitar a um tempo, a lugares ou práticas concretas, só podem distorcer o verdadeiro sentido da sua vida e obra. Perto do fim da vida, da prisão, Bonhoeffer escreveu estas palavras que com o tempo se tornaram célebres: «Jesus não chama a uma nova religião, mas à vida» (carta de 18 de Julho de 1944). No entanto, é preciso dizer que não foi uma descoberta de última hora, como testemunha outra afirmação que data de 1928: «Cristo não é aquele que traz uma nova religião, mas aquele que traz Deus»³.

Bonhoeffer tinha relutância em identificar a fé em Jesus Cristo com uma religião porque, para ele, a noção de religião também era parcial num outro sentido: não era igualmente válida em todos os tempos e em todos os lugares. No fim da vida, vendo à sua volta pessoas para quem a religião não parecia ser uma necessidade vital, ele teve o pressentimento que chegaria o advento de uma sociedade onde a religião já não teria um papel decisivo na vida quotidiana. Convencido de que Cristo também tinha vindo para estas pessoas, Bonhoeffer não acreditava que fosse necessário esforçar-se por despertar nelas uma «necessidade religiosa» para as conduzir até Cristo, tentativa que considerava desnecessária. E via um paralelo com os primeiros cristãos, que gradualmente tinham compreendido que para aceitar e viver da Boa Nova de Jesus Cristo não era necessário tornar-se judeu. Durante o período final da sua vida na prisão, Bonhoeffer debateu-se com a questão de saber como testemunhar Cristo num mundo que tinha «atingido a maioria», para quem as consolações da religião tinham pouco interesse. Infelizmente as suas reflexões terminaram abruptamente com a sua morte, e para lá dos limites possíveis dos seus diagnósticos do mundo contemporâneo (neste novo século «a religião» parece mais viva do que nunca, pelo menos se alargarmos o nosso olhar a uma perspectiva global), a sua convicção de que a especificidade da fé cristã não estava vinculada ao seu carácter «religioso» é duma actualidade permanente e abre um caminho essencial para a nossa procura. «Jesus não chama a uma nova religião, mas à vida»⁴.

Uma espiritualidade?

Hoje em dia outra palavra que nos vem espontaneamente à mente para descrever a fé cristã é *espiritualidade*. Este termo sublinha sobretudo um percurso pessoal e interior, de convicções e de práticas que animam o crescimento espiritual, o desenvolvimento gradual e o aprofundamento duma vida interior. E, de facto, quando lemos o Novo Testamento, vemos que Jesus começou o seu ministério chamando homens, um a um, a quem convidou a segui-lo. Dado que, para os cristãos, Jesus não é uma mera figura do passado mas, ressuscitado dos mortos, continua a estar presente para e entre os seus seguidores, poderíamos situar o essencial do Cristianismo na relação pessoal entre o crente e Jesus Cristo. Cada homem e cada mulher

³ Citações tiradas do livro de Sabine Dramm, *Dietrich Bonhoeffer. Einführung in sein Denken* (Chr. Kaiser/Gütersloher Verlagshaus, 2001), p. 228.

⁴ Nos primeiros anos Bonhoeffer foi muito influenciado pelo grande teólogo reformador Karl Barth que também criticou a religião em nome da fé em Jesus Cristo. Por seu lado, Barth considerou a religião do ponto de vista das pessoas que se esforçam por chegar a Deus pelos seus próprios meios. Afirmou que este empreendimento babilónico, longe de ser louvável ou neutro, representava um grande obstáculo à salvação que vem apenas de Deus através de Cristo. No entanto, ao passar por Cristo a religião pode ser salva assim como o resto da existência humana. Esta concepção teológica e abstracta da religião difere da de Bonhoeffer que é mais histórica e empírica.

recebe o chamamento único através do qual começa a seguir Cristo não exteriormente, percorrendo as estradas da Galileia, mas interiormente edificando a sua vida dia após dia em função desta relação e deste chamamento.

É talvez interessante a este respeito referir que uma das obras célebres de Dietrich Bonhoeffer tem o título alemão *Nachfolge* termo intraduzível que significa «seguir alguém, ser seu discípulo». Geralmente, é um grande mérito de algumas correntes protestantes do Cristianismo terem sublinhado muito a relação pessoal do crente com Cristo, seu Senhor e Salvador e afirmar que nenhuma instituição, nenhum rito exterior, poderia substituir esta relação.

Mesmo se ele é invisível aos nossos olhos físicos, Cristo está presente para o crente do mesmo modo que estava para os seus discípulos na Palestina há dois mil anos. De certo modo está ainda mais presente porque a sua presença não se limita a um contacto exterior: São Paulo chega mesmo a escrever: «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim» (Gálatas 2, 20). É claro que todas as tradições cristãs estão familiarizadas com esta verdade. Basta recordar que a obra de espiritualidade mais conhecida no Ocidente, a partir do séc. XV, foi *A imitação de Cristo*, ou considerar a importância de contemplar o ícone do rosto de Cristo para as Igrejas Orientais. Contudo, é certamente o Protestantismo que mais tem insistido numa devoção à pessoa de Jesus e numa resposta pessoal ao seu chamamento.

Também podemos compreender a fé cristã como espiritualidade a partir doutra perspectiva ao identificar «a vida segundo o Espírito» de que fala São Paulo, nomeadamente no capítulo 8 da carta aos Romanos. Se para ele a fé em Jesus Cristo começa como um dom, dom gratuito do amor de Deus aos homens que nunca poderiam merecer ou alcançar tal amor⁵, também é verdade que esse dom deve ser acolhido pela liberdade humana. O Deus revelado em Jesus Cristo nunca força os corações – o verdadeiro amor pede e provoca uma resposta livre. Assim, ao dom de Deus comunicado por Cristo, corresponde o acolhimento por parte dos homens e a tentativa de pôr em prática este dom. E como este dom é sobretudo o dom do Sopro da vida (traduzido nas nossas Bíblias pela palavra «Espírito»), a única maneira de o acolher é fazê-lo viver em nós.

Em resumo, o Cristianismo pode ser visto como uma espiritualidade, na medida em que está enraizado no que a Bíblia denomina coração humano, as profundezas do nosso ser que podem acolher o amor e lhe responde, traduzindo este amor em escolhas concretas na nossa vida quotidiana.

Todavia, há alguns inconvenientes ao usar a noção de espiritualidade para definir a fé em Jesus Cristo. Hoje em dia, esta noção tem frequentemente conotações ecléticas e individualistas. As pessoas têm tendência a ir buscar elementos aos mais diversos horizontes, deixando de lado o que não convém às suas próprias preferências. Ora uma tal espiritualidade não corresponde às especificidades da fé cristã. Como já vimos, a fé é essencialmente uma relação com a pessoa de Cristo, mais do que uma aceitação de doutrinas díspares. O essencial é a confiança depositada nele, para lá do que possamos compreender desde o início. Tal como foi o caso de Abraão, o crente aceita pôr-se a caminho, sem saber para onde vai (ver Hebreus 11, 8) apoiado apenas na fé Daquele que o chama e o acompanha. Para usar uma expressão querida ao Irmão Roger, fundador de Taizé, a fé é um convite permanente a «viver o inesperado».

Além disso, a fé cristã não é uma realidade individualista. Quem ouve o chamamento de Cristo e lhe responde ocupa o seu lugar no seio da comunidade dos que estão a percorrer o mesmo caminho. As

⁵ «Mas Deus, que é rico em misericórdia, pelo amor imenso com que nos amou, precisamente a nós que estávamos mortos pelas nossas faltas, deu-nos a vida com Cristo - é pela graça que vós estais salvos - com Ele nos ressuscitou e nos sentou no alto do Céu, em Cristo. Pela bondade que tem para connosco, em Cristo Jesus, quis assim mostrar, nos tempos futuros, a extraordinária riqueza da sua graça. Porque é pela graça que estais salvos, por meio da fé. E isto não vem de vós; é dom de Deus» (Efésios 2, 4-8; ver Romanos 5, 8).

relações entre os discípulos são tão importantes como a relação com o Mestre porque expressam de um modo concreto, o que está para além das palavras, o conteúdo da fé em Jesus. A este respeito pode ser útil fazer uma distinção entre as palavras «pessoal» e «individual». A fé é eminentemente pessoal porque se baseia num chamamento único e numa relação íntima de confiança com Cristo; numa palavra, ela enraíza-se no coração. Mas esta fé não é uma questão individual uma vez que a fé insere imediatamente o crente numa rede de relações ao torná-lo membro de pleno direito da família de Deus.

Uma vida em comum?

«Jesus não chama a uma nova religião, mas à vida». Se o Cristianismo possui indiscutivelmente elementos que podem ser denominados religiosos, uma vez que coloca os seus seguidores em relação com o Absoluto, e em alguns aspectos é vivido como uma espiritualidade pessoal, seria mais exacto vê-lo como um modo de vida, mais precisamente uma vida em comum. O que impressionou os habitantes da bacia do Mediterrâneo que viviam lado a lado com os primeiros cristãos há dois mil anos, foi verem que pessoas de origens, de línguas e das classes sociais mais variadas se chamavam uns aos outros irmão e irmã e viviam juntos numa grande proximidade, «judeus e gregos, escravos e homens livres, homens e mulheres» (cf. Gálatas 3, 28). E ainda «Não se irá pôr mais a questão de ser ou não judeu, de estar circuncidado ou não, de ser ou não civilizado, estrangeiro, escravo ou livre...» (Colossenses 3, 11). Apesar de algumas reflexões filosóficas acerca da unidade do género humano no mundo antigo, pela primeira vez o sonho de uma única família humana começava a tomar forma. E podemos dizer que foi esta realidade vivida, mais do que qualquer doutrina em particular, que deu ao Cristianismo nascente o seu poder de atracção.

No seu livro sobre os primeiros cristãos, os *Actos dos Apóstolos*, São Lucas dá-nos três vezes o resumo da vida dos primeiros cristãos. O primeiro destes textos encontra-se no fim do capítulo 2, depois do primeiro Pentecostes cristão:

Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações. Perante os inumeráveis prodígios e milagres realizados pelos Apóstolos, o temor dominava todos os espíritos. Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um. Como se tivessem uma só alma, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava, todos os dias, o número dos que tinham entrado no caminho da salvação. (Actos 2, 42-47; cf. 4, 32-35; 5, 12-16)

O que vemos aqui é sobretudo uma comunidade viva no seio do povo judeu (e em breve chamada a sair das fronteiras da nação) e a partilhar a vida de dois modos complementares. Em primeiro lugar, com Deus, uma vida intensa de oração que inclui orações tradicionais e novas práticas, nomeadamente «a fracção do pão», que se refere muito provavelmente à Eucaristia. E depois entre eles, uma partilha não só espiritual mas também material, a cada um segundo as suas necessidades.

Uma imagem quase idílica emerge deste quadro. Uma leitura mais aprofundada de todos os textos que dizem respeito aos primeiros cristãos mostra que a realidade está longe de ser assim tão perfeita, apesar do forte impulso dado pela morte e ressurreição de Cristo. No entanto, São Lucas não descreve a primeira comunidade cristã deste modo pelo gosto do romantismo ou da nostalgia mas justamente para responder à nossa questão sobre a especificidade da fé em Jesus Cristo. Esta especificidade não consistia tanto em ideias novas acerca de Deus mas numa vida partilhada. E segundo São Lucas era esta vida em comum que atraía as pessoas e que explicava o sucesso do novo movimento.

Um outro indício que, para Lucas, tem aqui a dimensão essencial da fé é o facto de situar este texto no final do capítulo 2. Já referimos que Jesus estava completamente enraizado no povo de Israel. Este povo considerava que tinha recebido uma vocação particular entre as nações da terra. O Deus que tinha formado este povo a partir de um grupo diverso de trabalhadores imigrantes no Egipto não era uma mera divindade tribal ou local, mas o Criador do universo e o Senhor da história. Consequentemente, o papel histórico do povo judeu era testemunhar pela sua vida este Deus único, para que um dia todas as nações da terra o pudessem reconhecer e assim viver em paz e harmonia (ver, por ex. Isaías 2, 2-4).

Esta vocação de Israel foi dificultada desde o início pelos caprichos da história. Por isso, muitos fiéis acreditavam que um novo começo era necessário para o realizar plenamente. Isto implicaria uma nova manifestação de Deus através da qual ele poderia finalmente realizar o seu desígnio original. Os primeiros discípulos de Cristo depois do aparente fracasso que foi a sua morte violenta, viam este novo começo na Boa Nova da ressurreição: a causa de Jesus não tinha terminado mas tinha apenas começado. Passava por uma nova efusão do Sopro de vida divina, o Espírito, que permitiria a Israel ser o que era na intenção de Deus desde o início: o núcleo de uma humanidade renovada e reconciliada. Por isso, São Lucas começa o seu segundo livro com Jesus, ressuscitado dos mortos, enviando o Espírito Santo sobre os discípulos para dar um novo ímpeto à sua missão após a interrupção da sua morte, e não é surpreendente que termine esta narrativa descrevendo uma comunidade onde esta missão assume uma forma concreta.

De facto, a estrutura dos Actos dos Apóstolos baseia-se em dois movimentos complementares. Por um lado, os discípulos de Cristo são enviados pelos caminhos do mundo para anunciar a Boa Nova aos quatro cantos da terra e criar laços entre os que respondem ao chamamento, por outro lado, encontram-se à Mesa do Senhor, exprimindo através da sua unidade o significado e a finalidade desta missão. «Vede como é bom e agradável que os irmãos vivam unidos!» (Salmo 133, 1).

É esclarecedor sobrepor estes dois movimentos característicos dos primeiros cristãos à situação das Igrejas actuais. O movimento de expansão para o exterior trouxe frutos em abundância. Um forte impulso a esta expansão surgiu do facto de no séc. IV da nossa era a Igreja cristã ter passado duma seita desdenhada e perseguida ao culto oficial do Império Romano. Paralelamente, os missionários cristãos levaram a mensagem a todo o lado, muitas vezes com o sacrifício da própria vida. Assim, o Cristianismo tornou-se um fenómeno mundial.

Se as principais confissões cristãs, a começar pela Igreja católica, cresceram atingindo dimensões planetárias, tem de se reconhecer que o aspecto da sua união não teve o mesmo sucesso. Em primeiro lugar, porque ao longo dos séculos a Igreja de Jesus Cristo se dividiu em segmentos indiferentes e até hostis entre si. Além disso, porque a progressão numérica e geográfica do Cristianismo parece ter andado a par com uma diminuição da intensidade da sua vida. Ao dissolver-se na massa, o sal do Evangelho perdeu, por vezes, a capacidade de salgar, ou utilizando outra metáfora, o fermento parece ter-se perdido na massa, pelo menos provisoriamente. Para encontrar exemplos de comunidades com uma intensa vida de oração e de entreajuda, temos de procurar entre as pequenas confissões evangélicas ou pentecostais ou em grupos dentro das grandes Igrejas históricas, por exemplo as chamadas comunidades monásticas ou religiosas, ou no que denominamos os novos movimentos eclesiais. E mesmo aí, estes grupos nem sempre reúnem pessoas de origens muito diversas. É, obviamente, muito difícil, humanamente falando, unir na prática universalidade e intimidade. Contudo, no retrato dos primeiros cristãos transmitido no Novo Testamento, descobrimos justamente isto e desde a primeira hora. Vemos grupos de pessoas que por causa da sua fé em Cristo morto e ressuscitado, partilham plenamente a sua vida entre eles, permanecendo abertos a pessoas de uma grande diversidade de origens. Este grupos mantinham uma vida de solidariedade intensa sem se tornarem minimamente sectários porque tinham a convicção de que não existiam para si próprios mas tinham recebido uma vocação que dizia respeito a todo o género humano: a de ser fermento de

reconciliação e paz. Em resumo, estas comunidades conciliavam uma vida em comum com uma perspectiva universal.

O termo clássico para esta partilha de vida é o vocábulo grego *koinônia*, traduzido geralmente por «comunhão». No Novo Testamento, o prólogo da primeira carta de São João ajuda-nos a compreender melhor o seu significado. Dirigindo-se aqueles que entraram na comunidade cristã depois dos da primeira geração, o autor começa por falar de Jesus Cristo não como de um indivíduo entre outros mas como «a Vida», «a Palavra de Vida» ou «a Vida eterna». Por outras palavras, Nele, a própria Vida de Deus entrou de modo muito concreto na história humana. E continua:

*O que nós vimos e ouvimos,
isso vos anunciamos,
para que também vós estejais em [koinônia] comunhão conosco.
E nós estamos [koinônia] comunhão com o Pai
e com seu Filho, Jesus Cristo.
Escrevemo-vos isto para que a nossa alegria seja completa. (1 João 1, 3-4)*

Esta Palavra de Vida comunicada cria uma *koinônia* – uma partilha de vida, uma solidariedade – entre aqueles que a recebem. E esta vida partilhada, não é apenas uma realidade humana, uma vez que não está baseada nos sentimentos ou na boa vontade das mulheres e dos homens a quem diz respeito. Não. É a participação na própria Vida de Deus, na comunhão que une Cristo com Aquele a quem chama Abba, Pai, na unidade de um mesmo Espírito. E, finalmente, São João diz que esta vida partilhada entre os crentes e com Deus é uma fonte de alegria verdadeira e perfeita. Se for este o caso, não será porque responde ao desejo mais profundo do coração humano de ser amado e amar sem restrições no espaço e no tempo?

A dádiva da vida numa comunhão universal em Deus

Chegámos finalmente ao ponto de poder responder de forma adequada à nossa questão sobre a especificidade da fé cristã após termos abordado a questão de várias perspectivas. Em primeiro lugar, mesmo se esta fé tem uma dimensão «religiosa» porque se trata da nossa relação com este Absoluto que normalmente chamamos Deus, a noção de religião não parece muito útil para perceber o seu carácter único. Será então melhor uma espiritualidade? Sim, na medida em que oferece um caminho pessoal para aprofundar o sentido da vida. Contudo, este caminho não é deixado unicamente à descrição de cada indivíduo, uma vez que não se compõe de elementos que se possam aceitar ou recusar segundo os nossos caprichos. Longe de ser uma errância entre os restos das tradições espirituais da humanidade, é uma peregrinação no seguimento de Cristo, e que coloca necessariamente o peregrino em relação com todos os que seguem o mesmo caminho.

Então a vida cristã é uma vida em comum? Esta definição tem a grande vantagem de corresponder à vida dos primeiros cristãos, tal como é relatada no Novo Testamento. Todavia, é preciso acrescentar que esta vida partilhada está longe de ser uma simples convivialidade humana mas que está enraizada em Deus. É partilhar a Vida divina, uma Vida que é Amor e por isso Vida para outros. Assim, já no seu começo, mesmo que a sua realização concreta tenha sido muito limitada, esta vida em comum é por natureza inclusiva, universal; a sua projecção abarca potencialmente todos os seres humanos. Neste sentido, as fronteiras da comunidade cristã não estão estabelecidas; em última análise, acabarão por se confundir com toda a família humana, ou inclusivamente com toda a criação.

Na sua essência, a fé em Jesus Cristo pode, então, definir-se como a dádiva da vida numa comunhão universal em Deus. Examinemos esta definição mais detalhadamente.

Em primeiro lugar, a fé cristã, longe de ser um empreendimento humano, é essencialmente uma proposta ou um convite de Deus. Esta inversão de perspectivas é de facto a «revolução coperniana» que caracteriza toda a revelação bíblica. Isto já era verdade para Israel antigo: este povo não estabelecia a sua identidade segundo critérios geográficos ou genealógicos, mas pela escolha livre dum Deus misterioso e transcendente. Com a vinda de Jesus Cristo, isto amplifica-se ainda mais. Para os seus discípulos – e aqui temos uma situação quase única entre os fundadores de religiões ou de escolas de espiritualidade – Jesus não era um homem apanhado de surpresa pelo divino ou que tivesse alcançada uma iluminação depois de um longo processo de busca; não era um profeta, um mestre de sabedoria, um filósofo ou um vidente. Nele, por incrível que possa parecer, é a própria Fonte da vida que vem ao nosso encontro.

Se a fé cristã é uma proposta do Absoluto, o papel dos seres humanos é essencialmente acolher e responder a este convite. Não lhes cabe definir os seus contornos. E se Deus chama através de Cristo a uma vida partilhada, a uma comunhão, este convite é dirigido a uma dimensão mais pessoal do ser humano; procura despertar nele a liberdade. Por todas estas razões uma tal proposta é o contrário de qualquer coacção. Qualquer tentativa de impô-la por meios coercivos, abertos ou subtis, é completamente estranha à sua natureza. Infelizmente, todos nós sabemos que esta verdade nem sempre foi compreendida quer pelas autoridades cristãs quer pelos povos cristãos em detrimento dum progresso autêntico do Evangelho.

Em segundo lugar, a mensagem cristã é uma dádiva de vida, ou seja, um convite real e não teórico. Não é antes de mais uma questão de ideias, da compreensão correcta de verdades intelectuais. Em termos mais técnicos, a fé não é uma gnose. Tal como Jesus transmitiu o essencial da sua mensagem ao entregar a sua vida por nós morrendo numa cruz, o discípulo faz da sua vida a mensagem a transmitir. Como São Paulo escreve Cristo deu a sua vida por todos nós «a fim de que, os que vivem, não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou» (2 Coríntios 5, 15). E esta vida «para Cristo» traduz-se numa vida «para os outros». Assim, somos conduzidos por outro caminho à primazia da vida em comum. O Cristianismo é talvez o único, a não ser que se esvazie da sua substância, em que não pode haver uma dicotomia entre a doutrina e a prática. A doutrina é idêntica à prática porque se trata em ambos os casos, numa comunhão com Deus e entre os homens. Se os cristãos não praticarem o amor fraterno, se as Igrejas viverem na indiferença ou em competição umas com as outras, a sua pregação é inevitavelmente letra morta.

O Corpo de Cristo

Podemos agora recapitular tudo o que descobrimos da especificidade da fé cristã inspirando-nos em certas noções chaves de São Paulo.

Começamos com uma pergunta: qual é a ligação entre o Cristianismo enquanto espiritualidade, imitação de Jesus, e vida em comum chamada a ser cada vez mais universal? Trata-se de duas abordagens diferentes ou existe uma lógica mais profunda que as une?

Um primeiro elemento que nos permite dar uma resposta afirmativa a estas perguntas é o conceito semita de antepassado epónimo. No mundo da Bíblia, o fundador de um povo ou de uma colectividade representa, de certo modo, todo o grupo. Israel, por exemplo, é um nome usado para designar o patriarca Jacob e também a nação que nasceu das suas entranhas. Os israelitas são «os filhos de Israel» e o filho é a imagem do pai (cf. Géneses 5, 3). Da mesma forma, para São Paulo, Adão não é simplesmente o primeiro indivíduo criado mas simultaneamente o «pai fundador» da humanidade. Neste sentido misterioso mas real, Adão é cada um de nós e cada um de nós é Adão. Se nele «todos pecámos», esta participação no seu pecado concretiza-se nas escolhas reais que nós fazemos, na nossa própria vida (ver Romanos 5).

Esta forma de pensar dá ao apóstolo a possibilidade maravilhosa de explicitar a relação entre Jesus Cristo e nós. No entanto, com uma pequena diferença. Contrariamente a Adão ou a Israel, os que seguem Cristo não são seus filhos mas, através dele, filhos de Deus; somos filhos e filhas no Filho. Pelo baptismo, que concretiza o chamamento de Cristo e o nosso «sim» como resposta, morremos para a nossa vida anterior marcada pela separação para entrar na família de Deus. Deste modo, Jesus é «o primogénito de muitos irmãos» (Romanos 8, 29); ele está em nós e nós estamos nele. «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim» (Gálatas 2, 20).

Um segundo elemento, diz respeito à noção de corpo. Paulo usa-o primeiro como uma metáfora, bastante comum naquela época, da comunidade cristã. A relação entre o corpo e os membros permite-lhe articular a relação entre a unidade e a diversidade na comunidade: animados pelo mesmo Sopro de vida, os crentes mantêm contudo uma variedade de dons e de abordagens. Esta imagem sublinha além disso a estreita unidade entre os fiéis: «somos membros que pertencem uns aos outros» (Romanos 12, 5).

Todavia para o apóstolo esta expressão vai mais além de uma simples metáfora. Paulo escreve aos Coríntios «como o corpo é um só e tem muitos membros, [...] assim também Cristo» (1 Coríntios 12, 12). Notemos que Paulo não escreveu «assim também a nossa comunidade» ou «...a Igreja». Um pouco mais adiante diz explicitamente: «Vós sois o corpo de Cristo e cada um, pela sua parte, é um membro» (12, 27). Ora, naquela época não se pensava o corpo como sendo um bocado de carne, como acontece frequentemente nos nossos tempos materialistas, mas como a presença de alguém no mundo, mais precisamente uma presença para outras pessoas. Dizer que a comunidade cristã é o Corpo de Cristo significa afirmar que Cristo permanece presente no mundo através da vida em comum dos seus discípulos. Todos juntos representam-no, literalmente, tornam-no presente no espaço e no tempo.

Mais um passo e entramos na vasta perspectiva das cartas aos Colossenses e aos Efésios. Ambas começam com o grande desígnio de Deus que é de «recapitular» (Efésios 1, 10) ou «reconciliar» (Colossenses 1, 20) todas as criaturas com ele próprio e, conseqüentemente, entre elas por meio de Cristo. O sinal e o meio desta dupla reconciliação é a comunhão dos crentes, a Igreja, uma realidade em constante evolução, que vai buscar a sua energia à relação com a Cabeça, Jesus Cristo:

Testemunhando a verdade no amor, cresceremos em tudo para Aquele que é a Cabeça, Cristo. É a partir dele que o Corpo inteiro, bem ajustado e unido, por meio de toda a espécie de articulações que o sustentam, segundo uma força à medida de cada uma das partes, realiza o seu crescimento como Corpo, para se construir a si próprio no amor. (Efésios 4 15-16; cf. Colossenses 2, 19)

Um Corpo que foi pregado numa cruz na Palestina há mais de dois mil anos, fazendo nascer, para lá da morte, um Corpo que cresce ao longo dos séculos ao juntar de formas diferentes uma inumerável multidão de mulheres e homens, e no horizonte, uma visão de toda a humanidade como família vivendo em paz: esta imagem expressa talvez melhor do que qualquer outra a especificidade da fé cristã. Para usar uma expressão de Santo Agostinho, um dos maiores pensadores cristãos do Ocidente, o Cristianismo, em última análise não é senão o totus Christus, o «Cristo total» Cabeça e Corpo, que também se pode chamar «Cristo de comunhão».

Não é por acaso que a actividade central da fé cristã foi sempre a celebração da Eucaristia. Cristo crucificado continua vivo e presente através das palavras pronunciadas sobre o pão e o vinho antes da sua morte: «Isto é o meu Corpo... Isto é o meu sangue». Reunidos à volta duma mesma Mesa, os fiéis alimentam-se do Corpo oferecido por eles na cruz e agora no sacramento, a fim de ser o Corpo para os outros no mundo. Também não é uma má utilização da linguagem chamar a este sacramento «a santa comunhão». Na Eucaristia, o essencial da fé expressa-se com uma inigualável clareza. Aí revela-se-nos como partilha de vida com Deus,

através da entrega de Cristo, algo que nos une mais estreitamente entre nós e nos envia ao encontro de todos os seres humanos.

Terminemos estas reflexões com duas citações. A primeira de Dietrich Bonhoeffer e a segunda do irmão Roger. Elas resumem bem o que dissemos na nossa exposição:

Na Igreja, não se trata de religião, mas da figura de Cristo que deve tomar forma na multidão das pessoas.⁶

Será que estamos suficientemente conscientes de que, há dois mil anos, Cristo veio à terra não para criar uma nova religião, mas para oferecer uma comunhão com Deus a todo o ser humano?⁷

Copyright © Ateliers et Presses de Taizé 2012

⁶ Dietrich Bonhoeffer, *Ethik*, citado em Sabine Dramm, *Dietrich Bonhoeffer. Einführung in sein Denken*, p. 232.

⁷ Irmão Roger de Taizé, *Deus só pode amar* (Gráfica de Coimbra, 2004), p. 97.